

**EVOCAÇÕES DO LUGAR DE ORIGEM:
a saudade em “Evocação do Recife” e “Recife”, de Manuel Bandeira**

Victor Palomo¹

Resumo: Os poemas “Evocação do Recife” (*Libertinagem*) e “Recife” (*Estrela da Tarde*), ambos de autoria do poeta pernambucano Manuel Bandeira (1886-1968), tematizam as saudades da infância numa cidade idílica, como um possível sentido para a saudade do lugar de origem. Este artigo pretende fazer uma leitura desses poemas, contrastando os sentidos da saudade na poesia portuguesa e brasileira.

Abstract: The poems “Evocação do Recife” (*Libertinagem*) and “Recife” (*Estrela da Manhã*), both of them written by Manuel Bandeira (1886-1968), concerning the longing to visit the childhood, one of the meanings for the word “saudade”. This article intends to compare the poems of Manuel Bandeira and the meanings of “saudade” for the Portuguese and Brazilian poetries.

Palavras-chave: Poesia-Manuel Bandeira- Saudade Portuguesa-Saudade Brasileira

Key-words: Poetry- Manuel Bandeira- Portuguese Longing- Brazilian longing- Saudade

A Saudade

O significante “saudade” tem sido motivo de muitas especulações acerca de sua origem, significado e, principalmente, de como essa categoria que ancora o “ser português” apareceu na lírica ibérica a partir do século XV, com desdobramentos na literatura e na identidade brasileiras. A filóloga Carolina Michäelis de Vasconcelos em *A Saudade Portuguesa* constata que se trata de uma palavra de provável origem latina (*solitas, solitat*), a qual tem o sentido de “unidade, solidão, desamparo, retiro” e que se atualizou na língua portuguesa com as formas *suydade, suidade, sodade e saudade* (VASCONCELLOS, 1922, p. 58-59).

A lírica portuguesa, analisada diacronicamente, parece conferir ao “Tempo Português” a marca indelével da saudade. Segundo Eduardo Lourenço (1999, p. 11), o

¹ Pós-graduando (Mestrado) do Departamento de Estudos Comparados em Literaturas de Língua Portuguesa FFLCH-USP

“retângulo deitado à beira do Atlântico”, farol do mundo e decaído de todo o seu esplendor, inventa seu passado como ficção, da qual a melancolia, a nostalgia e a saudade são pressupostos inextricáveis. O jogo da memória específico de cada um desses estados anímicos universaliza-os e também os distingue, embora a cor do tempo que a palavra “saudade” pinte na alma portuguesa pareça ter matizes específicos:

O nosso povo, imemorialmente rural, absorvido por fora em afazeres desprovidos de transcendência, mas levados a cabo como uma epopeia, com o seu talento do detalhe, da miniatura, é um povo-sonhador. Não especialmente por ter cumprido sonhos maiores do que ele, mas porque, no fundo se si, ele recusa o que se chama realidade (LOURENÇO, 1999, p. 14).

E ainda acrescenta Lourenço (1999, p. 31):

[...] habituados a tal ponto pela saudade, os portugueses renunciaram a defini-la. Da saudade fizeram uma espécie de enigma, essência de seu sentimento de existência, a ponto de a transformarem num ‘mito’. É essa mitificação de um sentimento universal que dá a estranha melancolia sem tragédia que é seu verdadeiro conteúdo cultural, e faz dela o brasão da sensibilidade portuguesa.

Desde o início do século XV, com a publicação do livro *Leal Conselheiro* por D. Duarte, funda-se um debate em torno dos campos semânticos da palavra saudade e sua pertinência ao imaginário lusíada. Para D. Duarte, a experiência imediata de escuta do coração aponta dois casos opostos: um em que a saudade é fonte de prazer, ao iluminar a memória e constatar que o agora é melhor que o outrora; outro em que a razão se deixa quebrar em tal esvaziamento que gera ausência, tristeza e nojo. Mas, para esse autor, a saudade é indiscutivelmente uma especificidade do sentimento lusíada (apud BOTELHO e TEIXEIRA, 1986, p. 13-17).

A pesquisa pelo recorte axial da saudade do lugar de origem na tradição da poesia portuguesa sugere algumas características gerais. Em primeiro lugar, seus estudiosos (VASCONCELLOS, 1922; LOURENÇO, 1999) apontam a pertinência de se fundamentarem em uma dimensão mítica, tendo a lenda de Inês de Castro e a crença de Portugal como uma nação escolhida pela divindade cristã (o milagre de Ourique atestaria essa hipótese) como testamento, pois o sucesso das empreitadas marítimas expansionistas portuguesas, na aurora da Idade Moderna, confirmaria tal vaticínio. A

chegada do rei Desejado alçara Portugal à glória imperial, corroborada pelo surgimento do texto poético que documentou o poder da imaginação coletiva que elevava o povo português a dimensões míticas: *Os Lusíadas*. A morte de D. Sebastião nas areias marroquinas e a decadência imperial deflagraram um movimento saudosista com tonalidades hagiográficas, o qual conduziu a saudade a um mito nacional, tendência que se consolidou no movimento romântico e alcançou a antemanhã do século XX, fomentando, ao longo desta centúria, uma espera do retorno do Desejado, além de uma Filosofia e uma Metafísica da Saudade (LOURENÇO, 1999), realçando as nuances melancólicas e nostálgicas de uma pátria com passado grandioso e apartada dessa condição.

No que tange à formação da literatura brasileira, o estabelecimento de um caminho retilíneo esbarra em uma formulação pouco aceita. Prefere-se, em oposição, que a atenção seja direcionada aos movimentos dialéticos de afirmação das singularidades nacionais que resultaram do contato com outros povos, especialmente de um “diálogo com Portugal”, que constituiu uma das vias pelas quais o localismo e o cosmopolitismo se misturaram nas artes e organizações socioculturais brasileiras (CANDIDO, 1985, p.109-110). O ensaísta Antonio Candido (1985, p. 109) defende, nessa visada, uma oscilação de sentidos e interesses que pendulou entre o declarado conformismo e adoção de modelos imitativos dos padrões europeus e a afirmação premeditada e violenta do “nacionalismo literário”. Para Candido (1985, p. 110), a perspectiva dialética parece adequada porque a tensão entre o que é próprio e o que é herdado da tradição europeia (especialmente portuguesa) motiva uma “superação constante de obstáculos”, resultando em específicos movimentos de ruptura:

Na literatura brasileira, há dois momentos decisivos que mudam os rumos e vitalizam toda a inteligência: o Romantismo (1836-1870) e o ainda chamado Modernismo (1922-1945) [...] Mas, enquanto o primeiro procura superar a influência portuguesa e afirmar contra ela a peculiaridade literária do Brasil, o segundo já desconhece Portugal, pura e simplesmente [...] (CANDIDO, 1985, p. 112).

Sabe-se que o Modernismo brasileiro inaugurou um campo de experimentações formais e temáticas que propunha alterações na fisionomia da obra literária, repudiando os velhos padrões estéticos. Por exemplo, no *Manifesto Antropófago* (1928), Oswald de Andrade destaca que somos “filhos do sol [...], encontrados e amados ferozmente, com toda a hipocrisia da saudade, pelos imigrados, pelos traficados, pelos turistas”

(ANDRADE, 1980, p. 79-84). Um pouco antes, em 1925, Mário de Andrade em *Modernismo e Ação*, já dizia que “Todos os movimentos artísticos brasileiros têm sido até agora de imitação” (apud SCHWARTZ, 2008, p. 475). Cabe também destacar que o escritor Osvaldo Orico, em tom um tanto exaltado na obra *A Saudade Brasileira* (1940), propõe que se a saudade portuguesa é mais um morrer de amor, triste, que provoca dor. Com relação à saudade brasileira, sugere:

[...] saudade nova, mais alegre que triste, mais imaginação que dor. Saudade de gente moça, que anda a nascer e a raiar, onde a vida se atira mais galharda que melancólica, uma saudade sem horizontes para vencer, sem mar para transpor, sem sombras para espargir, sem mágoas para cuidar [...] Saudade que não chora, canta; saudade que não punge, exalta; saudade que não abate, enaltece; saudade que não fere, vivifica. [...] (ORICO, 1940, p. 44-45).

Alguns aspectos desses textos serão cotejados com os poemas “Evocação de Recife” e “Recife” de autoria do poeta Manuel Bandeira (1886-1968), nos quais o tema da saudade do lugar de origem assume sentidos próximos ou distintos de suas matrizes na lírica portuguesa.

Evocação do Recife

O poema “Evocação do Recife” foi escrito em 1925, a pedido do escritor pernambucano Gilberto Freyre, como comemoração ao centenário do jornal *Diário de Pernambuco* (FREYRE apud BRAYNER, 1980, p. 76-77). “Geografia lírica da infância” (FREYRE, p. 77) trata-se de uma composição na qual cada palavra é um aceno ao passado de um sujeito poético que é também a cidade e é também o rio. Trata-se de um poema em verso livre, com metro e estrofes irregulares, cujas palavras deslizam nas páginas, montando a reminiscência do lugar de origem em planos alternados e inquietos, como errática é a memória motivada pelo afeto que busca ratificar o sentimento de pertinência. A linguagem evoca o desejo de retornar a algum lugar do passado, poder da memória de vivificar o que tempo poderia (e pode) desgastar, mas é repertório constituinte do sujeito poético que a si mesmo procura:

Recife
Não a Veneza americana
Não a Mauritssatd dos armadores das Índias Ocidentais
Não o Recife dos Mascates
Nem mesmo o Recife que aprendi a amar depois-
Recife das revoluções libertárias

Mas o Recife sem história nem literatura
Recife sem mais nada
Recife da minha infância

O advérbio “Não” e a conjunção “Nem” montam uma perspectiva anafórica que exclui as imagens alheias às motivadas pela intimidade do sujeito poético, o qual a partir do verso iniciado pela conjunção adversativa “Mas” afirma-se pela atividade reminescente. O poema utiliza procedimentos modernistas, uma vez que esse sujeito refere-se à infância em tom coloquial, dando vozes a personagens da reminiscência/imaginação. Assim, excertos de cantigas ritmadas pela medida antiga (no caso, a redondilha maior) misturam-se às falas das meninas, do vendedor de roletas de cana, dos homens da rua, personagens que se plasam em escala temporal e espacial, revelando índices épicos mesclados aos influxos líricos. A memória conta a vida pela língua “errada” do povo que é também sua forma correta:

A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil
Ao passo que nós
O que fazemos
É macaquear
A sintaxe lusíada

Como sugerira Mário de Andrade, o “novo” para a literatura brasileira fora procurado na estética europeia: “Lá fomos nós, que macacos! [hoje] temos mais uma necessidade fatal que uma simples macaqueação” (apud SCHWARTZ, 2008, p. 476).

Evitando “macaquear a sintaxe lusíada”, posto que o poeta escolhe uma dicção coloquial, a saudade procura sua expressão “brasileira”. Menos como um fotógrafo e mais como um artista que cola imagens mnêmicas, Manuel Bandeira utiliza com maestria (tendo sido o primeiro a fazê-lo no Modernismo brasileiro) o verso livre, que tinha como intenção reproduzir a coloquialidade da língua corrente falada pelo brasileiro. Segundo Davi Arrigucci, essa aproximação se deu através de um procedimento mimético da linguagem oral, ou seja, a continuidade cursiva da prosa atuaria no interior do verso, modificando sua sonoridade, ameaçando sua existência e renovando-o (ARRIGUCCI, 1990, p. 50).

Dessa maneira, Manuel Bandeira adianta-se em quinze anos à argumentação do escritor Osvaldo Orico no livro *A Saudade Brasileira*, publicado em 1940, no qual faz distinção entre os sentidos para portugueses e brasileiros. Nesse diapasão, elege uma

subjetividade poética que delicadamente visita a infância com acentos nos quais a saudade não se mostra aderida à semântica portuguesa, mas dialoga e se procura ao sol do Recife. Ratifica, assim, a premissa da saudade prazerosa, pois o sujeito lírico percorre prazerosamente as ruas da sua Recife saudosa (Rua da União, Rua do Sol, Rua da Saudade, Rua da Aurora) e desce pelo rio cujo nome ecoa em suas variações paronomásticas “Capiberibe/ Capibaribe”, tentativa de resgate da terra distante por meio de suas imagens e vozes justapostas. São profícuas as exclamações e as reticências², registro admirado e acelerado de um sujeito invadido pela saudade de um tempo que parecera eterno e agora se eterniza, imprecisamente, pelo deleite reminiscente:

Recife...
Rua da União...
A casa de meu avô...
Nunca pensei que ela acabasse!
Tudo lá parecia impregnado de eternidade
Recife...
Meu avô morto.
Recife morto, Recife bom, Recife brasileiro como a casa de meu avô.

Recife

O poema “Recife” (*Estrela da Tarde*) ilustra de forma eloquente as saudades que o sujeito poético experimenta como adulto exilado de uma infância idílica. O poeta lírico nem torna presente fatos passados nem o agora, pois ambos mostram-se igualmente próximos dele, como sugere Staiger (1997, p. 71): Ele se dilui aí, quer dizer ele “recorda”.

O poema em metro livre possui um ritmo que varia como o pulsar das imagens afetivamente evocadas pelo eu lírico em disjunção com o tempo, impotente e magoado frente às vicissitudes da vida, esforçando-se por marcar o “tic-tac” do tempo nas aliterações do verso inicial:

Há que tempo que não te vejo!
Não foi por querer, não pude,
Nesse ponto a vida me foi madrasta,
Recife.
[...]

² Conforme explicam Celso Cunha e Lindley Cintra (2011, p. 674), uma das possíveis funções das reticências é indicar que “a ideia que se pretende exprimir não se completa com o término gramatical da frase, e que deve ser suprida com a imaginação do leitor”.

Em um poema itinerário de um sujeito que se busca pela atividade reminescente, os planos objetivos e subjetivos fundem-se numa reconstrução que tem como ponto de partida a cidade idílica, berço eterno das imagens entranhadas no corpo. Suas partes atestam a longevidade das imagens fundidas como “um-no-outro” pelo amálgama da saudade, o qual adere o sujeito ao objeto-cidade:

[...]

Mas não houve dia em que não te sentisse dentro de mim:
Nos ossos, nos olhos, nos ouvidos, no sangue, na carne,
Recife.

[...]

Imanente é a Recife que se apresenta no poema, afirmada pelo recurso da prosopopeia, de forma que as sete estrofes do poema “Recife” são finalizadas por versos compostos pela invocação da cidade-matriz da alma, recurso que aproxima tempos de crianças, de adultos, de automóveis, de províncias. Como já mencionado, Mário de Andrade sugerira em “Modernismo e Ação”: “abaixo os poetas patrióticos que não apontem os defeitos da pátria” (ANDRADE, 1925 apud SCHWARTZ, 2008, p. 545). Faz-se digna de atenção, num poema alusivo à saudade, a capacidade de Manuel Bandeira apontar as desigualdades nacionais: “sem Arrais e com arroz”. O poeta utiliza os recursos paronomásticos (Arrais/arroz) na tentativa de fomentar o contraste entre realidades aparentemente díspares, misturando aos influxos líricos, um tom de ironia e denúncia:

[...]

Não como és hoje,
Mas como eras na minha infância,
Quando as crianças brincavam no meio da rua
(Não havia ainda automóveis)
E os adultos conversavam de cadeiras nas calçadas
(Continuavas província,
Recife).

Eras um Recife sem arranha-céus, sem comunistas,
Sem Arrais, e com arroz,
Muito arroz,
De água e sal,
Recife.

Um Recife ainda do tempo em que o meu avô materno
Alforriava espontaneamente
A moça preta Tomásia, sua escrava,
Que depois foi nossa cozinheira
Até morrer
Recife

[...]

A subjetividade poética assevera que a Recife sentida visceralmente (“dentro de mim”) difere da Recife de agora (“Não como és hoje”). Tais elementos textuais alusivos a registros imagéticos de estranhamento se acumulam no poema (“Mas como eras na minha infância/”), são procedimentos em que a saudade busca imagens de familiaridade, sugerindo que o sujeito poético experimenta uma ambiguidade constitutiva. O agora é estranho porque a atividade reminiscente retorna, conduzida pela imaginação, a uma Recife da infância na qual o sujeito poético deseja inventariar seu passado, atenuando a perda (melancólica) que a distância do lugar de origem lhe impõe.

Os versos trazem também, por meio do signo da saudade, uma espécie de denúncia da modernização conservadora brasileira que a topografia das grandes cidades evidencia. Nas terceiras, quartas e quintas estrofes, o predomínio dos tempos verbais pretéritos imperfeitos alude à inexatidão da memória que tenta reconstruir uma cidade ainda provinciana. “(Não havia ainda automóveis)/E os adultos conversavam de cadeiras nas calçadas/” ou “Eras um Recife sem arranha-céus, sem comunistas/” são versos em que a cidade insiste em continuar província, como recurso mnêmico de um sujeito poético que adota o eufemismo – a eleição da percepção infantil – como forma de atenuar o tom melancólico da voz de um adulto apartado do lugar de origem e consciente das mazelas de um país que se reinventara a partir da escravidão (a imagem da moça preta Tomásia) e da colonização predatória.

Florestan Fernandes (1979, p. 34) considera que a falta de correspondência entre poder econômico e poder político da ascendente burguesia nacional promove um processo de dependência das nações capitalistas hegemônicas e engendra desigualdades sociais, fazendo com que a autonomia e a democracia não sejam concretizáveis, pois se objetivam na “consciência conservadora”. E tais desigualdades ecoam padrões importados: “[...] não se deve esquecer que o padrão brasileiro [...] por causa da escravidão e da própria expropriação colonial, constitui as distinções sociais preexistentes na sociedade portuguesa” (FLORESTAN FERNANDES, 1979, p. 35). Em “Recife”, a saudade evidencia uma perspectiva romântica: volta-se para um contexto em que o eu-saudade quer se reencontrar em um cenário que se caracteriza por imagens de uma província idílica, colonial e não industrializada, mescladas às fantasias de um progresso desencantado (“Continuavas província,/ Recife”).

A saudade é também um recurso presente de forma intensa nos aforismos oswaldianos do “Manifesto Pau-Brasil” (1924). Se a “floresta” e a “escola” constituem paradoxos brasileiros (“[...] A floresta e a escola. O Museu Nacional. [...]”), Oswald de Andrade (1980, p. 81) condensa tal paradoxo entre o moderno e o arcaico que será tema do poema de Manuel Bandeira. Essa suspensão promove aos sujeitos poéticos a saudade daquilo que é íntimo, genuíno, saudade do que o sol tropical (de Recife, ou do “país oswaldiano”) calcinou e fez marca referencial.

O tema da casa, do retorno ao espaço de pertinência aparece em intersecção com o tema da morte. Como o espaço que retém o tempo comprimido, o sujeito procura o aconchego da velha casa conhecida. Bachelard (2008, p. 24) alude ao *pathos* do sujeito desenraizado pelo exílio ao fazer sugestões acerca do simbolismo da casa, considerando-a como o primeiro cosmos, o universo primevo do homem, cujas traduções psicológicas inferem a existência de um espaço que protegeria o eu. Tal função acolhedora ganha matizes afetivos específicos quando a escolha se dá pela palavra “casa” associada ao termo “morte”, as quais talvez não intentem restituir imagens atinentes aos momentos histórico-biográficos do sujeito enunciativo, mas revelam a saudade da origem quando a vida anuncia seu fim:

[...]
Ainda existirá a velha casa senhorial do Monteiro?
Meu sonho era acabar morando e morrendo
Na velha casa do Monteiro.
Já que não pode ser,
Quero, na hora da morte, estar lúcido
Para te mandar a ti o meu último pensamento,
Recife.

Ah Recife, Recife, *non possidebis ossa mea!*
Nem os ossos nem o busto.
Que me adianta um busto depois de eu morto?
Depois de morto não me interessará senão, se possível,
Um cantinho no céu,
“Se o não sonharam”, como disse meu querido João de Deus,
Recife.

O poema é finalizado em tom elegíaco, no qual a voz da subjetividade poética cita a frase em latim “*non possidebis ossa mea*” atribuída a Cipião Africano (236 - 183 a. C.), anteriormente parafraseada por Luís de Camões na “Carta da Índia” e Antônio

Vieira, no sermão *A lusitânia*³. O “último pensamento” é elegia e devaneio, ao elevar o tom à dimensão transcendente do sonho como visita saudosa ao lugar de origem.

Na obra de Bandeira, o trabalho constante com as palavras mistura-se a “sua apaixonada espera do inesperado, da súbita inspiração” (ARRIGUCCI, 1990, p. 126). Não se trata de um processo aleatório ou anárquico de fusão de duas faces de uma mesma moeda, mas uma forma própria de organização da experiência:

[...] no universo particular do poeta se interpenetram e fundem linguagem, realidade e sonho, por obra da imaginação criadora, cujo modo de proceder, transformando a diversidade da experiência na unidade da forma, nele se expõe abertamente (ARRIGUCCI, 1990, p. 126).

Em busca da saudade brasileira- a distância do lugar de origem

Manuel Bandeira trabalha o signo da saudade por meio das recordações das brincadeiras infantis e também brincando com a linguagem. O sujeito poético descreve imagens da infância “Quando as crianças brincavam no meio da rua”. Igualmente no poema “Evocação do Recife”, a voz poética relembra “A Rua da União onde eu brincava de chicote-queimado e partia as vidraças da casa de Dona Aninha Viegas/[...]”. Mário de Andrade já fizera uma proposta no manifesto *Modernismo e Ação* (1924) de que a arte nacionalizante deveria levar em conta o brinquedo. Dizia Mário: “Arte nacionalizante. [...] Arte de pândega. [...] O brinquedo sempre socializa mais do que uma sessão solene. E na liberdade do brinquedo se determinam inconscientemente muitas características de uma raça. [...] Por isso nós também brincamos. Alegria nunca fez mal contanto que não se faça dela um preconceito. [...]” (apud SCHWARTZ, 2008, p. 477).

Bachelard (2009, p. 93-137) desenvolve com precisão o tema das saudades do lugar de origem a partir da infância, destacando seus aspectos lúdicos. “O sonhador bem sabe que é preciso ir além do tempo das febres para encontrar o tempo tranquilo, o tempo da infância feliz em sua própria substância” (p. 105), lembra o pensador francês. Portanto, indaga se a invenção poética do passado não é inerente à meditação das origens, condição fundadora do sonho. Para ele, sonhar sobre as origens é ultrapassá-la, pois para além da nossa história estende-se “nossa incomensurável memória”:

³ A frase *Ingrata pátria non possidebis óssea mea* é atribuída ao estadista romano Públio Cornelius Cipião Africano (Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/cipi/africano/>. Acesso em 02/08/2012)

Na idade do envelhecimento, a lembrança da infância devolve-nos aos sentimentos finos, a essa “saudade risonha” das grandes atmosferas baudelairianas. Na “saudade risonha” vivida pelo poeta, parece que realizamos a estranha síntese da saudade e do consolo. Um belo poema nos faz perdoar um desgosto muito antigo (Idem, p. 110).

Na obra de Bandeira, as imagens da saudade se sucedem com a complexidade labiríntica das evocações anímicas: “Se quiséssemos esboçar uma arquitetura conforme a estrutura da nossa alma [...], seria necessário concebê-la à imagem do Labirinto” (NIETZSCHE, 2004, p. 124). E é a peregrinação pelos labirintos da saudade que refaz agora o menino de outrora pelas ruas do Recife, numa dicção brasileira. Nessa poética da ruptura, “o espaço retém o tempo comprimido” (BACHELARD, 2009, p. 28), ou seja, a evocação das cidades confere à subjetividade poética o retorno ao lugar de origem pela presentificação inerente ao ato de imaginar e “brincar” com a linguagem.

Os dois poemas que compõem o *corpus* desse artigo provocam a discussão atinente aos campos semânticos da saudade brasileira em contraste com a dicção lusíada. Assim, a saudade é condição da procura de si mesmo nos outros e do outro em si mesmo, o que motiva poetas portugueses e brasileiros viajarem ao passado, numa descida ao inconsciente mítico-histórico como forma de se definirem no presente. Porém, de forma desigual. Parte dessa desigualdade pode ter causalidade inferida na hipótese de Eduardo Lourenço no livro *Nau de Ícaro*, do qual destacamos o texto “Nós e o Brasil: ressentimento e delírio” (2001, p.135-145), de inspiração francamente edípica, no qual o autor postula que o Brasil seria uma nação sem pai, a partir da dimensão parricida (inconsciente) com que lida com as heranças portuguesas. Se aos portugueses configura um delírio imaginar o “gigante da América”⁴ como filho, os brasileiros e suas expressões artísticas, nas quais inclui a arte literária, têm a tendência a se compreenderem como “filhos de si mesmos” (LOURENÇO, 2001, p. 136):

Em resumo, antologia de lugares-comuns antiportugueses ou florilégio de ditirambos consagrados ao Brasil são as faces simétricas de dois discursos culturais sem verdadeiro objeto e, a esse título, identicamente delirantes. A autonegação ou denegação que a cultura brasileira faz de si mesma, ocultando, menosprezando ou ignorando seu nódulo irredutível e indissolúvel português [...], é tão absurda e delirante como a fixação possessiva, o amor imaginário que devotamos a um Brasil, não por ser ele o que é, e o merecer naquilo continuação, ampliação ou metamorfose nossa (LOURENÇO, 2001, p. 141).

⁴ A expressão é usada por Caetano Veloso em *Verdade Tropical* (1977) São Paulo: Companhia das Letras

Sem a pretensão de erigir uma asseveração reducionista, mas à guisa de conclusão, faz-se importante admitir que os sentidos da dor pela ausência e da alegria promovida pela lembrança parecem diferentes para as séries poéticas portuguesas e brasileiras. A perspectiva apresentada por Eduardo Lourenço (2001, p. 136) permite sugerir a poética da saudade como um vetor profícuo para pensar as características da brasilidade e suas relações com a portugalidade no século XX. De fato, liberar o poema das amarras da tradição pode ser compreendido, na acepção lourenciana, como um movimento parricida da lírica brasileira em relação aos poetas ancestrais portugueses. Tal forma de entendimento ajusta-se aos manifestos modernistas, que contêm sugestões para que a arte nacional rejeite todas as catequeses e evite macaquear a sintaxe lusíada. Nos poemas incluídos no *corpus* deste artigo, o tema da saudade se fez presente para os poetas brasileiros adquirindo coloridos singulares, por meio de procedimentos que oscilaram entre aproximações e afastamentos de suas matrizes portuguesas.

Referências

- ANDRADE, M. *Poesias Completas* Belo Horizonte: Editora Itatiaia, 2005.
- ARRIGUCCI JR, D. *Humildade, Paixão e Morte A poesia de Manuel Bandeira* São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- BACHELARD, G. *A Poética do Devaneio* São Paulo: Martins Fontes, 2009.
- BANDEIRA, M. *Estrela da Vida Inteira* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.
- BOTELHO e TEIXEIRA *Filosofia da Saudade* Lisboa: Imprensa Nacional- Casa da Moeda, 1986.
- BRAYNER, S.[org.] *Manuel Bandeira Coleção Fortuna Crítica volume 5*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1980
- CANDIDO, A. *Literatura e Sociedade*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1985.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Lexikon Editora Digital, 2011.
- DOM DUARTE. *Leal Conselheiro*. Lisboa: Livraria Bertrand, 1942.
- FERNANDES, F. *Mudanças Sociais no Brasil*. São Paulo: DIFEL, 1979.
- FREYRE, G. Manuel Bandeira, recifense. In BRAYNER, S. *Manuel Bandeira*. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1980.
- LOURENÇO, E. *Mitologia da Saudade* São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

- _____ *A Nau de Ícaro* São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- NIETZSCHE, F. *Aurora*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- ORICO, O. *A Saudade Brasileira* Rio de Janeiro: A Noite, 1940.
- STAIGER, E. *Conceitos Fundamentais da Poética*. Rio de Janeiro: Edições Tempo Brasileiro, 1997.
- SCHWARTZ, J. *Vanguardas Latino- Americanas* São Paulo: Edusp, 2008.
- VASCONCELLOS, C. *A Saudade Portuguesa* Lisboa: Renascença Portuguesa, 1922.
- VELOSO, C. *Verdade Tropical* São Paulo: Companhia das Letras, 1997.